

---

## Da teoria para a prática: a dramaturgia do jornalismo audiovisual como ferramenta de combate à violência de gênero<sup>1</sup>

Ariane PEREIRA<sup>2</sup>

Renata CALEFFI<sup>3</sup>

Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, PR

### RESUMO

Este trabalho tem como objetivo evidenciar como se dão os movimentos teoria-prática e pesquisa-extensão no projeto Florescer - ação extensionista desenvolvida, desde 2018, em Guarapuava, com o objetivo de prevenir a violência contra a mulher. As atividades extensionistas em questão são balizadas em três aparatos conceituais - os estudos de gênero, a educomunicação e a dramaturgia do telejornalismo, para a realização de cinco oficinas com as crianças matriculadas no terceiro ano da rede municipal de educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** gênero; audiovisual; telejornalismo; extensão; projeto Florescer.

### FLORESCER: DAS DEMANDAS SOCIAIS AO PROJETO DE EXTENSÃO

Guarapuava, no ano de 2012, figurava no ranking das 100 cidades mais violentas para uma mulher viver no Brasil. O alto número de feminicídios levou a mobilização da sociedade civil organizada, que exigia do poder público a adoção/implementação de ações imediatas e políticas de longo prazo que visassem transformar esse cenário. Assim, em 2013, é criada a Secretaria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres de Guarapuava (SMPM) - órgão que, imediatamente, inicia um processo de aproximação com as instituições de ensino superior do município.

Com a Unicentro (Universidade Estadual do Centro-Oeste) é estabelecida, entre outras, uma parceria com o curso de Jornalismo para a produção de materiais de divulgação da SMPM, de conscientização sobre a violência contra a mulher e a importância de buscar ajuda para romper com o ciclo da violência doméstica. Esse trabalho, inicialmente um Projeto Experimental em Jornalismo, em 2015, é transformado em projeto de extensão e suas ações, a partir de 2018, mudaram de foco. Transformação que foi motivada por uma demanda apresentada pela Rede Municipal de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Telejornalismo do XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista, mestre em Letras, doutora em Comunicação e Cultura. Professora do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em História da Unicentro. Coordenadora do projeto de extensão Florescer. E-mail: [ariane@unicentro.br](mailto:ariane@unicentro.br).

<sup>3</sup> Jornalista, mestre em Comunicação, doutora em Políticas Públicas. Professora dos Curso de Jornalismo e de Publicidade e Propaganda da Unicentro. Integrante da equipe executora do projeto de extensão Florescer. E-mail: [renatacaleffi@unicentro.br](mailto:renatacaleffi@unicentro.br).

---

Combate a Violência contra a Mulher de Guarapuava a partir da percepção de que as ações de seus integrantes estavam centradas no atendimento à vítima de violência doméstica, deixando de lado um dos aspectos centrais da Lei Maria da Penha, quase sempre negligenciado, que é a prevenção.

Dessa forma, o Florescer foi incitado a iniciar esse trabalho de prevenção a violência contra a mulher. A partir da demanda social, portanto, a coordenação do projeto vislumbrou como caminho o trabalho com crianças, atuando, dessa maneira, na desconstrução dos estereótipos de gênero no presente, visando a eliminação da violência contra a mulher no futuro, em médio e longo prazos, na medida em que, acreditamos, essas crianças não replicarão, quando iniciarem seus relacionamentos, comportamentos machistas. Assim, estabeleceu-se que o *Florescer* passaria a atuar com as crianças da rede municipal de Educação, matriculadas no 3º ano, ofertando oficinas educacionais.

## **A EDUCOMUNICAÇÃO COMO BASE DE AÇÃO**

"A educomunicação", segundo Ariane Pereira, Íris Tomita e Renata Caleffi, "é uma forma de realizar trabalhos colaborativos envolvendo a comunidade escolar como ponte entre a comunicação e a educação" (2021, p.63). É por isso que esta corrente latino-americana é tomada como ancoragem metodológica do *Florescer*, partindo do princípio de que educação e comunicação devem caminhar juntas na promoção da cidadania, tendo em vista que ambas são ferramentas de transformação social.

Soares defende que a educomunicação extrapola a instrumentalização técnica, na medida em que se volta para a problematização de temas complexos da sociedade, visando a tomada de consciência sobre tal realidade. "Não se trata, pois, de educar usando os instrumentos da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação" (2000, p.20).

Entre as estratégias educacionais para fazer as pessoas pensarem está o questionamento. Método adotado como premissa pela equipe do Florescer que, nas suas primeiras três oficinas - de um total de cinco, estimula as crianças a participarem do diálogo a partir de perguntas. Ao pensar nas respostas possíveis, as participantes exercitam a "constante descoberta de novos saberes e práticas pelas vivências empíricas e pela produção realizada" (Pereira, Tomita, Caleffi, 2021, p. 64).

## COMO SÃO AS OFICINAS?

As atividades do Florescer são concebidas no formato de oficinas – cinco, no total, sendo quatro realizadas nas escolas e uma na universidade. Na primeira oficina, promovemos um jogo de tabuleiro, em que as casas a serem alcançadas/percorridas são bambolês e as peças que se movimentam são as próprias crianças. Para que elas possam passar de uma casa a outra precisam responder (e acertar) perguntas sobre questões cotidianas, envolvendo família, educação e saúde. Processo este que é intercalado por explicações sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Conteúdo que serve de ponto de partida para elucidar o conceito de cidadania e como ele, contemporaneamente no Brasil, abarca de formas distintas adultos e crianças, homens e mulheres.



Jogo de tabuleiro sobre o ECA realizado na Oficina 1 do Florescer - Fotos: Florescer

Com a Oficina 1 construímos a base para o segunda encontro em que, a partir da divisão generificada dos brinquedos (carrinho é coisa de menino e boneca é brinquedo de menina; futebol é para menino e ballet para menina, por exemplo), explora o machismo, as consequências sociais dele (como a violência contra a mulher) e a necessidade de se construir políticas públicas de equidade para que homens e mulheres possam viver em segurança. Vale ressaltar que todos os conceitos citados neste parágrafo são abordados nesta oficina.

Na terceira oficina, entramos, especificamente, na Lei Maria da Penha, abordando os cinco tipos de violência e as formas de procurar ajuda. A ludicidade desta oficina vem da utilização de emojis, para a compreensão de como é difícil e necessário aprender a lidar com os próprios sentimentos, e de uma história em quadrinhos sobre os

irmãos Ana e João, que vivenciam a violência contra a mulher em casa e são ajudados pelas crianças sobre como agir para apoiar a mãe no rompimento com a violência.



Atividades lúdicas das Oficinas 2 e 3, respectivamente - Fotos: Florescer

## **E ONDE ENTRA A DRAMATURGIA DO TELEJORNALISMO?**

A dramaturgia do telejornalismo é acionada, de maneira involuntária, pelas crianças na última etapa do projeto na escola. Isso porque, na quarta oficina, nós levamos equipamentos de vídeo para que as crianças gravem conteúdos audiovisuais sobre o que aprenderam nas oficinas anteriores. Essa abordagem permite que as crianças se percebam como produtoras de conhecimento.

A equipe do projeto apresenta possibilidades/modos de fazer para que as crianças escolham os formatos que as produções delas terão. Assim, elas são incentivadas a produzir vídeos para redes sociais - como YouTube, Instagram e Tik Tok, encenações, videoclipes de paródias e telejornais. Este último, embora aparentemente, seja o de menor apelo entre elas - já que a tela de maior contato dessa faixa etária não é a de televisão, mas a do celular, é um dos formatos mais escolhido. Ao saber da possibilidade, muitas crianças dizem querer "apresentar o jornal" ou "ser repórter para segurar o microfone com aquele quadradinho (a canopla)". As crianças, assim, evidenciam reconhecer a dramaturgia do telejornalismo (Coutinho, 2012) ao querer reproduzi-la.

Entendida preliminarmente como a estrutura narrativa das notícias em televisão, a dramaturgia do telejornalismo diz respeito ao modo particular de narração das notícias em televisão, relacionando-se ao campo da linguagem dessa mídia em particular. Porém, ao representar as ações no tempo e na tela, como um drama noticioso, e cotidiano, ela também constrói cenários,

condutas, poderes, personagens e conflitos que podem ser motores de outras ações e desdobramentos para além das telas. (Coutinho; Pereira, 2021, p.82)

Ao fazer a escolha pelo telejornal, as crianças mostram saber que precisam ter um cenário (muitas vezes, um desenho no quadro), uma bancada (a mesa da professora), apresentadores (sentados na bancada), repórteres (empunhando o microfone) e entrevistados. Além disso, outros elementos são acionados, mostrando o reconhecimento dessa dramaturgia de modo empírico - como a necessidade do apresentador chamar o repórter; o repórter introduzir o entrevistado e conduzir a conversa, fazendo perguntas; um texto de abertura e outro de encerramento, por exemplo.

Finalizada a produção na oficina 3, os audiovisuais são editados e finalizados pelos bolsistas do projeto (recém-graduado e estudantes de graduação), que acrescentam outros elementos do telejornal - como vinheta e barra de caracteres = para completar, então, essa dramaturgia encenada pelas crianças. Na sequência, as crianças vão até a Unicentro para uma sessão de Cinema, em que veem na telona os vídeos gravados por elas.



Crianças como apresentadoras de telejornal, sentadas na "bancada" e com cenário ao fundo + Crianças como repórter, com microfone, canopla e insert - Fotos: Florescer



Vinheta para um dos telejornais produzidos pelas crianças + Exibição dos audiovisuais no Cinema da Unicentro, na Oficina 5 - Fotos: Florescer

## AUDIOVISUAL E EDUCOMUNICAÇÃO NO COMBATE À VIOLÊNCIA DE GÊNERO

As produções das crianças evidenciam que elas se apropriaram dos conceitos de gênero debatidos. Isso nos faz acreditar que, quando crescerem, não replicarão as práticas machistas socialmente ainda aceitas, como a violência contra a mulher. Mesmo que tais resultados só possam ser mensurados em alguns anos, a partir dos números de atendimentos realizados, por exemplo, pela Polícia Militar e pelo Cram (Centro de Referência no Atendimento à Mulher), no curto prazo se nota um crescimento de 40%, em média, na procura por informações e acolhida por parte das moradoras dos bairros em que o Florescer está, naquele momento, realizando atividades.

Guarapuava passou de 96ª cidade mais violenta/perigosa para uma mulher viver, em 2012, para município modelo, para todo o Brasil, no que concerne à proposição, implantação e efetivação de políticas públicas de proteção à mulheres vítimas de violência e, também, de prevenção. Nesta mudança de um cenário de violência para outro de atenção, as ações da Unicentro em parceria com a SMPM foram fundamentais. Essa capacidade de articulação permitiu que a universidade assumisse, a partir de seus professores e estudantes, um papel de protagonismo social, contribuindo para a transformação da realidade de vida das mulheres, mas também de seus filhos. Crianças que, desde a terceira infância, começam a perceber como o machismo é maléfico, se espalha e contamina nossos atos e modos de viver. Dessa forma, compreendem que a equidade é o melhor caminho para a construção da igualdade entre os gêneros, que culminará numa sociedade com igual oportunidades para eles e elas.

### REFERÊNCIAS

- COUTINHO, Iluska; PEREIRA, Ariane. Perspectiva de gênero em telas: acréscimos ético-informacionais à dramaturgia do telejornalismo. In: EMERIM, Carlida; PEREIRA, Ariane; COUTINHO, Iluska (Orgs.). *Teorias do telejornalismo como direito humano*. Florianópolis: Insular, 2021.
- COUTINHO, Iluska. *Dramaturgia do telejornalismo: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão e, Juiz de Fora - MG*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.
- PEREIRA, Ariane; TOMITA, Íris; CALEFFI, Renata. Jornalismo audiovisual na educação básica: uma ferramenta de combate à violência contra a mulher. In: EMERIM, Carlida; PEREIRA, Ariane; MELLO, Edna; Porcello, Flávio (Orgs.). *Telejornalismo e direitos humanos: pesquisas e relatos de experiências*. Florianópolis: Insular, 2021.
- SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, São Paulo, (19):12 a24, set/dez 2000. <<https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125>>.